

A formação da sociedade industrial brasileira

Vamos viajar hoje pelo mundo da fábrica. Imagine-se como um trabalhador que ingressa pela primeira vez em uma grande indústria. Você, como qualquer outro novato, ficaria certamente atordoado com o barulho daquelas máquinas modernas e com o trabalho incessante dos operários. Tudo funciona como um relógio; cada minuto é importante; o tempo é racionalizado; as máquinas ditam o ritmo da produção; o trabalho é coletivo e disciplinado.

Se, nos dias de hoje, tempo das novas tecnologias e da informática, ainda nos impressionamos com tudo isso, imagine o impacto que a introdução do sistema de fábrica deve ter causado muito tempo atrás – na Europa, no início do século XIX, e no Brasil, cerca de cem anos depois.

Como será que era viver essa nova realidade? Um importante escritor francês, perplexo com a grande indústria inglesa, assim descreveu o mundo fabril:

Desta vala imunda a maior corrente da indústria humana flui para fertilizar o mundo todo. Deste esgoto imundo jorra ouro puro. Aqui a humanidade atinge o seu mais completo desenvolvimento e sua maior brutalidade; aqui a civilização faz milagres e o homem civilizado torna-se quase um selvagem.

Alexis de Tocqueville, 1835, citado por Eric Hobsbawm, A era das revoluções, p. 43

Nesta aula, vamos estudar algumas características básicas da sociedade industrial. Vamos ver também como determinados segmentos da sociedade brasileira viveram todas essas transformações no início do século XX.

Sociedade industrial

Charles Chaplin lançou, em 1936, uma de suas obras-primas: o filme *Tempos Modernos*. Nele, Chaplin apresenta o mundo moderno industrial de forma poética e crítica. Há cenas que se tornaram clássicas na história do cinema mundial; em uma delas, o protagonista, Carlitos, se vê engolido pelas enormes engrenagens industriais; em outra, enlouquece e sai apertando parafusos imaginários por toda parte. No filme, não são os homens, mas as máquinas que emitem sons.

Abertura

Em tempo

Movimento

Os dramas contidos no filme de Chaplin eram parte constitutiva daquela nova sociedade urbano-industrial que se gerara na Europa desde a Revolução Industrial. Com a introdução da máquina no processo produtivo, as sociedades humanas mudaram o rumo da história, pois tornaram-se

capazes da multiplicação rápida, constante e até presente ilimitada, de homens, serviços e mercadorias.

Eric Hobsbawm, *A era das revoluções*, p. 44

Com a Revolução Industrial, a fábrica transforma-se na sede da nova sociedade. Nela são geradas muitas mudanças. O trabalho torna-se cada vez mais coletivo e intenso. O mercado em expansão exige novos métodos que racionalizem o esforço dos operários. O tempo passa a ser visto como o tempo da fábrica.

Em tempo

Na sociedade pré-industrial, a noção de tempo era bem diferente. A vida e o trabalho não tinham o caráter de regularidade como na fábrica. Dependendo da atividade, o trabalhador poderia passar determinadas épocas sem nenhuma ocupação. Era muito comum o trabalho por tarefas, e muitas pessoas faziam seu próprio horário.

Essa cultura não condizia com a sociedade industrial. Com a fábrica, criou-se um discurso em favor do tempo útil, contra a ociosidade. Repare no texto a seguir:

*Preguiça, silenciosa assassina, não mais tenhas minha mente aprisionada
Não me deixes nenhuma hora mais contigo, sono traidor*

Citado por Edgar de Decca, *O nascimento da fábrica*, p. 16

Em meio a tudo isso, formava-se o empresariado industrial, que se apropriou das idéias baseadas na **livre iniciativa** para romper com os monopólios e entraves produzidos pelo Estado.

As relações de trabalho também sofreram profundas alterações no mundo da fábrica. Entrou em cena o **contrato de trabalho** entre o empresário e o trabalhador. Nele, estabeleceu-se um acordo com regras fixas e objetivas (valor do salário, horas de trabalho, punições).

Agora, a tendência era o afastamento do empresário do contato direto com seus empregados. Reduziu-se o caráter paternalista tão presente no mundo pré-industrial. Estavam fixadas as bases da sociedade liberal-capitalista.

Essas transformações não foram vividas sem problemas nas sociedades europeias. Na Inglaterra, no final do século XVIII e início do século XIX, iniciou-se um movimento de quebra de máquinas; protestava-se contra a perda de postos de trabalho e contra a rígida disciplina estabelecida pela fábrica; nesse movimento,

os quebradores de máquinas distinguiram entre aqueles tornos de fiar (...) apropriados para a produção doméstica, e que não destruíam, e aqueles outros mais amplos, apropriados exclusivamente para a sua utilização em fábricas, que destruíam

David Dickson citado por Edgar de Decca, *O nascimento da fábrica*, p. 31

Livre iniciativa é uma crença na liberdade de comércio e de produção. De acordo com ela, cada vez menos o Estado intervém nas atividades econômicas da sociedade.

Correntes ideológicas são formas de expressão de idéias, de propostas, de visões de mundo ou de governo.

Gradativamente, o operariado inglês buscou novas formas de organização para resistir às enormes jornadas de trabalho e às péssimas condições de vida. Era o início do **movimento sindical**, que se desenvolveu na Inglaterra e em vários outros países europeus no decorrer do século XIX.

Paralelamente, surgiram correntes ideológicas anticapitalistas, organizadas em movimentos ou partidos políticos, que passaram a exercer forte influência no movimento sindical. Entre outras, destacaram-se as correntes **anarquista** (que defendia a supressão do Estado) e **socialista-marxista** (que propunha a revolução proletária e a instalação de um governo de trabalhadores).

No final do século XIX e início do século XX, o movimento sindical já ganhara maior densidade social e política, o que resultou em importantes conquistas para os trabalhadores.

Primeiros industriais no Brasil

Como vimos na Aula 22, foi no final do século passado e nas primeiras décadas do século XX que a indústria tornou-se uma realidade na vida de algumas cidades brasileiras. A partir daí, iniciou-se a formação da sociedade industrial brasileira, fruto especialmente da ação de dois novos agentes sociais: o empresariado industrial e o operariado.

No interior daquela sociedade fundada na agroexportação, cresceram as primeiras indústrias no Brasil. No país dos bacharéis e dos grandes proprietários rurais, começava a ganhar forma a figura do industrial. Muitos deles, especialmente em São Paulo, eram imigrantes que chegaram ao Brasil com algum capital e muita disposição de ganhar dinheiro. Outros tinham origem na agroexportação e nas casas comerciais.

Não foram poucos os problemas enfrentados pelos primeiros industriais. Um deles era a concorrência externa, em razão da falta de uma política do governo federal para proteger a indústria nacional. Outro, contraditoriamente, era a crítica, feita por vários setores, de que a indústria brasileira era “artificial”, dependente do governo e responsável pela carestia. Finalmente, os industriais enfrentavam a luta operária por melhores salários e condições de trabalho.



Jorge Street, um dos pioneiros da industrialização brasileira.

Em meio a tudo isso, os empresários industriais trataram de criar associações de classe para a defesa de seus interesses. Passaram também a participar de forma mais ativa no debate sobre o papel da indústria no desenvolvimento brasileiro. Naquele começo do século XX, destacaram-se alguns políticos e líderes de classe que defendiam, além de tarifas protecionistas, uma política governamental de amparo à indústria como forma de reduzir a dependência do país em relação aos capitais externos.

Perante a opinião pública em geral, e em particular perante os trabalhadores, os industriais tentavam convencer a sociedade de que seu capital, sua riqueza, era fruto exclusivamente de seu esforço pessoal, e não de privilégios governamentais. Eram divulgadas histórias de imigrantes que aqui chegaram pobres e que, com seu suor, alcançaram o sucesso.

Vida operária

Fábricas de tecidos em São Paulo. Ano: 1912. Inspeção de funcionários do Departamento de Trabalho. Trechos do relatório:

Uma fábrica: A duração do trabalho diário é de 11 horas úteis. O trabalho é interrompido pelo almoço, que dura uma hora e meia, e pelo café, para o qual os operários têm direito a um quarto de hora. Trabalham nesta fábrica 500 operários, na maioria italianos e espanhóis. (...) Impressão desagradável causa ao visitante o excessivo número de menores em trabalho (...).

Outra fábrica: Os contramestres são todos adultos, de nacionalidade italiana e em número de 20. Entre os 374 operários recenseados, a nacionalidade predominante é italiana, vindo em seguida a espanhola e depois a brasileira: dos brasileiros, 44 são menores de 12 anos. Esqueléticos, raquíticos, alguns! O tempo de trabalho varia para as seções de onze horas e meia a doze horas e meia por dia. (...).

Boletim do Departamento Estadual do Trabalho citado por Maria Auxiliadora Guzzo de Decca, *Indústria, trabalho e cotidiano*, p. 39-40

Você, que leu com atenção o documento, percebeu que estamos diante de um bom ponto de partida para estudar o que era a vida operária naquele início do século XX. Vejamos algumas informações contidas no relatório acima.

Nas duas fábricas visitadas, há algumas características comuns: predomínio de estrangeiros entre os operários, longa jornada de trabalho e presença significativa de menores de idade. Na descrição, percebe-se ainda uma certa crítica à utilização do trabalho infantil; não há, no entanto, nenhuma menção a multas ou punições.

Esses dados já nos permitem esboçar um breve perfil do operário de São Paulo naquelas primeiras décadas republicanas. Como veremos adiante, a composição e a atuação dos operários na cidade do Rio de Janeiro tinham características um pouco diferentes.

O grande número de estrangeiros entre os operários de São Paulo tem sido destacado por diversos estudiosos. Com a grande imigração ocorrida no final do século XIX em direção às fazendas de café, muitos trabalhadores tomaram o rumo da cidade em busca de melhores condições de vida. Destaca-se a forte presença de italianos entre os primeiros operários.

O impacto da presença de imigrantes na formação da classe operária em São Paulo foi expressivo. Foram principalmente eles que difundiram no meio

operário as idéias de transformação radical da sociedade pela via revolucionária, socialista ou anarquista.

O anarquismo ganhou força e logo se transformou na principal corrente política de base operária. E não era difícil entender por quê.



Imagem do anarquista terrorista.

Fonte: *Nosso Século*

Naquela sociedade com um mercado de trabalho em formação, em que praticamente inexistia qualquer proteção ao trabalhador; em que a utilização do trabalho infantil era justificada como forma de se retirar os meninos da rua; em que, em suma, eram extremamente duras as condições de trabalho, as idéias de **supressão do Estado** e de **todas as formas de repressão** encontravam boa receptividade. Governo e patrões eram vistos como inimigos que deveriam ser combatidos a todo custo.

Os anarquistas não confiavam nas instituições liberais. Desprezavam os políticos, os partidos e o parlamento. Defendiam a atuação sindical de resistência e combatiam tanto as correntes que defendiam a existência de um partido operário como os sindicatos ou associações de caráter assistencialista. Tiveram ainda um importante papel nas tentativas de organização operária em nível nacional.

Por tudo isso, as lideranças anarquistas foram bastante perseguidas pelos empresários e pelo governo. Na grande imprensa, sua imagem era apresentada como a de um terrorista estrangeiro que vinha destruir a paz existente nas relações entre os operários brasileiros e seus patrões. Até foram criadas nessa época leis de expulsão do país de lideranças operárias estrangeiras, com o objetivo de enfraquecer a corrente anarquista.

Em tempo

A educação do trabalhador era outra preocupação básica do anarquismo. Para os anarquistas,

a luta só se fazia, e principalmente a nova sociedade só se implantaria, se houvesse uma transformação profunda no homem trabalhador. O que o projeto anarquista almejava era uma revolução social e não apenas uma revolução política. Daí o privilégio da educação entendida como ampla formação cultural. O fato de terem sido os anarquistas os principais pioneiros em atividades como teatro, educação musical, práticas de leitura, criação de escolas e universidades populares, não é casual. E, por esta razão, não é casual também que velhos militantes operários, anarquistas ou não, considerem até hoje que foi educando que os libertários mais contribuíram para a constituição da identidade da classe trabalhadora.

Angela Gomes, *A invenção do trabalhismo*, p. 92

Já na cidade do Rio de Janeiro, houve maior diversidade entre as correntes que disputavam o controle do movimento operário. Para o historiador Boris Fausto, a menor presença do anarquismo na capital pode ser explicada pelo fato de que o operariado carioca

se concentrava em atividades vitais dos serviços (ferroviários, marítimos e do queiros), [sendo por isso] tratados com um mínimo de consideração pelo governo. Havia também no Rio maior contingente de trabalhadores nacionais imbuídos de uma tradição paternalista nas relações com os patrões e o governo.

Boris Fausto, *História do Brasil*, p. 209

Esse fato foi, em parte, responsável também pela emergência de correntes políticas não revolucionárias, que buscavam menos o confronto e mais a negociação. Eram chamados, pejorativamente, de “amarelos” pelas tendências mais radicais.

Todos esses homens eram anarquistas, menos Antonio Piccarolo e Evaristo de Moraes, que eram socialistas.



Gigi Damiani



Edgard Levenroth



Otávio Brandão



Astrojildo Pereira



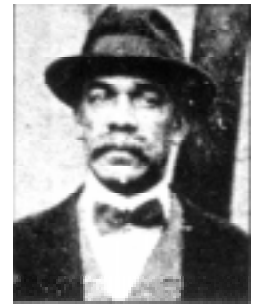
Everaldo Dias



Antonio Piccarolo



José Oiticica



Evaristo de Moraes

A despeito da repressão governamental e patronal e das enormes dificuldades de organização daí resultantes, os movimentos sindicais paulista e carioca tiveram condições, no decorrer da década de 1910, de obter maior apoio entre os trabalhadores, tornando-se, inclusive, capazes de liderar **importantes movimentos grevistas entre os anos de 1917 e 1920**.

Para isso, foi importante a divulgação, pelos anarquistas, de um conjunto de idéias que procurava reforçar uma imagem positiva do trabalhador como

um homem honesto, mas explorado econômica e socialmente e, por isso mesmo, digno do maior respeito e atenção por parte da sociedade em geral..

Angela Gomes, A invenção do trabalhismo, p. 90

Dessa forma, combatia-se a imagem, difundida pelo governo e pela grande imprensa, que apresentava o trabalhador brasileiro como vítima da ação de “baderneiros e terroristas”.

A ascensão do movimento sindical brasileiro, é bom lembrar, não foi um fato isolado: naqueles anos, em boa parte da Europa, explodiam movimentos de trabalhadores impulsionados pela vitória do socialismo na Rússia. *Por sinal, como resultado direto da implantação do socialismo naquele país europeu, criou-se, em 1922, o Partido Comunista do Brasil (PCB) que, em pouco tempo, passou a disputar, principalmente com os anarquistas, o controle do movimento sindical.

A maior presença do movimento operário na cena política teve por resultado a aprovação, pelo Congresso, de algumas leis trabalhistas, como a lei de férias para trabalhadores da indústria e do comércio e as limitações ao trabalho dos menores. A regulamentação e aplicação dessas leis encontrou forte resistência do empresariado.

Vejamos agora, para finalizar, alguns aspectos da vida operária fora das fábricas e dos sindicatos.



Vila operária e chaminé da Cia. Nacional de Tecidos de Juta, em São Paulo.

Nas grandes cidades, a habitação típica dos trabalhadores urbanos era a casa de cômodos ou cortiço, localizada, em geral, em áreas centrais próximas aos locais de trabalho. Em algumas fábricas mais distantes do centro, e mesmo no interior, muitas vezes foram criadas vilas operárias que permitiam melhores acomodações que os cortiços e uma maior possibilidade de controle da mão-de-obra por parte dos empresários.

Nos cortiços e vilas, os operários utilizavam seu tempo livre nos times de futebol, nas associações recreativas, casas de jogos, cordões carnavalescos etc.

Pausa

Em seu bairro ou em sua cidade, é possível que exista ainda hoje, funcionando ou não, uma fábrica que foi fundada nas primeiras décadas do século XX. Faça uma pequena pesquisa sobre ela. Verifique se existia, nas proximidades, uma vila operária. Anote o ano da fundação da fábrica, seus fundadores, o número de operários, e como era a vida daquela comunidade.

Às vezes, com algumas entrevistas, você pode conseguir essas e muitas outras informações.

80\$000 lê-se oitenta mil réis

ORÇAMENTO FAMILIAR	
Em 1918, o salário mensal de um trabalhador rural ou urbano variava entre 80\$000 e 120\$000. Segundo pesquisa de Hélio Negro e Edgard Leuenroth, o consumo mínimo de uma família operária pequena (homem, mulher e duas crianças) nunca era menor que 207\$650, o que obrigava quase todos os seus membros a trabalhar.	
DESPESAS MENSAIS ALIMENTAÇÃO 12 kg de arroz de 2ª 9\$600 12 kg de feijão 4\$200 18 kg de batatas 5\$400 15 kg de pão 7\$500 10 kg de farinha de mandioca 4\$000 5 kg de macarrão 5\$000 10 kg de carne 10\$000 7 kg de toucinho ou banha 11\$200 7,5 kg de açúcar 7\$000 3 kg de café 3\$000 15 litros de leite 9\$000 Verduras 6\$000 Cebola, alho, sal, pimenta, vinagre, querosene, vassoura etc. 28\$000 ALUGUEL (2 cômodos, com cozinha) 45\$000 OUTRAS NECESSIDADES Sabão 6\$000 3 sacos de carvão 9\$000 Fósforos, cigarros, barbeiro e sociedade de socorros mútuos 17\$000 SOMA MENSAL 166\$900	DESPESAS ANUAIS (VESTUÁRIO) HOMEM: 2 ternos 80\$000 2 pares de sapatos 24\$000 2 chapéus 14\$000 3 camisas 12\$000 3 ceroulas 9\$000 Meias etc 12\$000 MULHER 3 vestidos de chita 60\$000 2 pares de sapatos ou chinelos ... 24\$000 3 camisas 15\$000 3 saias brancas 21\$000 12 pares de meias 18\$000 2 CRIANÇAS Roupas e calçados 100\$000 DESPESAS ANUAIS (OUTRAS NECESSIDADES) Móveis, louça e outros objetos .. 100\$000 TOTAL DAS DESPESAS ANUAIS 489\$000 ou seja, por mês 40\$750 SOMA: DESPESA MENSAL 166\$900 PARCELA MENSAL DA DESPESA ANUAL . 40\$750 TOTAL DE GASTOS POR MÊS 207\$650

Fonte: Nosso Século (1910-1930)

Últimas palavras

Nesta aula, vimos que o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX foram anos de mudança no Brasil. A extinção do trabalho escravo, a grande imigração e ainda os recursos acumulados no comércio e na agroexportação criaram condições para o surgimento e expansão da indústria em nosso país.

A partir daí, iniciou-se um processo de modernização que teve por base, fundamentalmente, dois novos atores sociais: o empresariado industrial e o operariado. O primeiro ganhou força e organização nas lutas contra a tese do artificialismo da indústria brasileira e ainda nos embates diretos com o movimento operário. O segundo ator social, o operariado, procurou forjar sua identidade seja no enfrentamento diário com empresários e forças policiais do governo, seja na criação de um discurso que construía uma imagem, ou seja, criar sua própria feição positiva do trabalhador.

O resultado de tudo isso foi a formação de uma sociedade mais diversificada e complexa que, na década de 1920, passou a se mostrar cada vez mais descontente com o predomínio dos grupos oligárquicos. É o que veremos nas próximas aulas.

Exercícios

Exercício 1

Releia o item **Sociedade industrial** e identifique três características básicas da sociedade industrial.

Exercício 2

Releia o item **Vida operária** e caracterize duas correntes políticas que participaram do movimento operário na Primeira República.